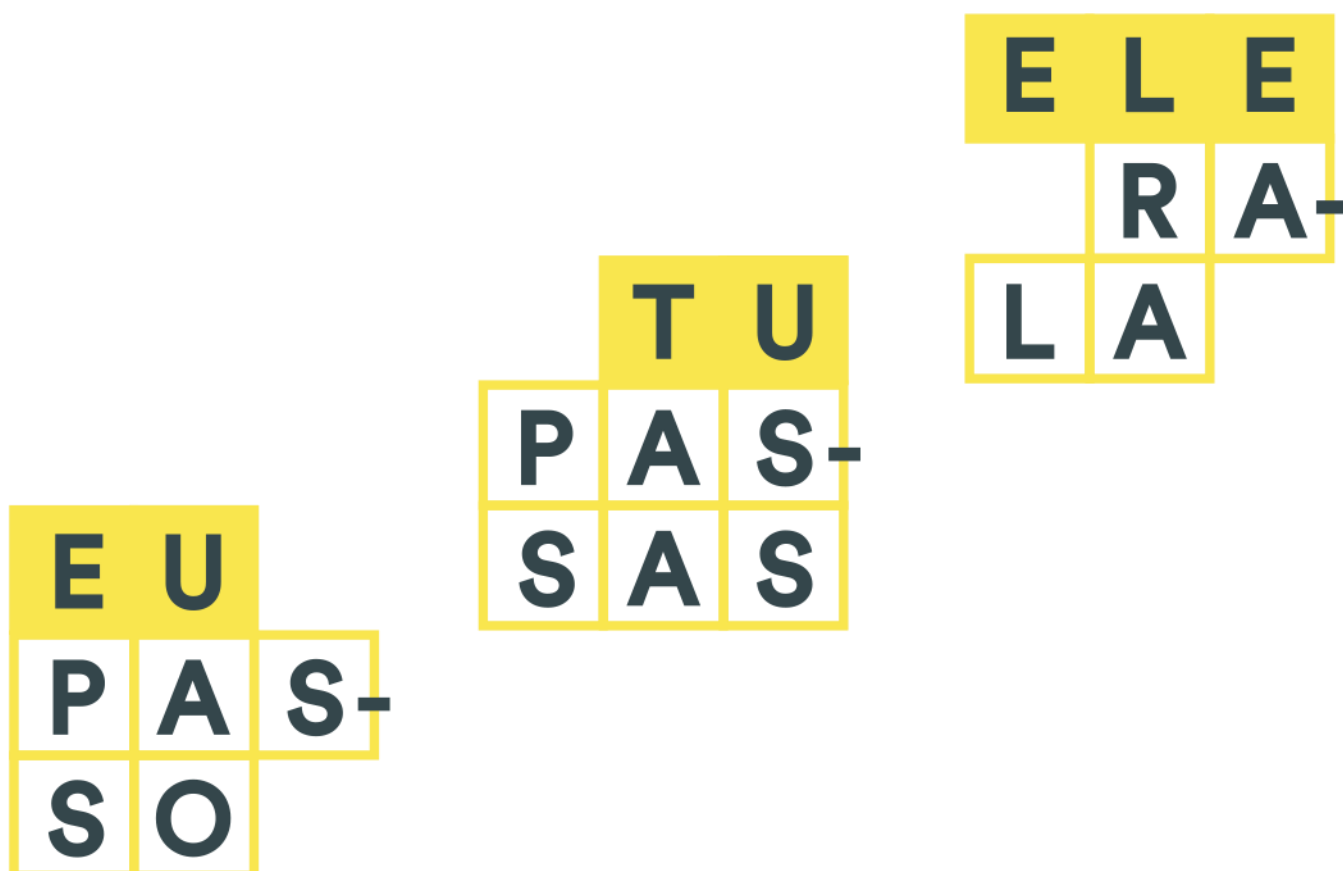


Gêneros Textuais: Narração



Gêneros textuais: narração

Conto carioca

O rapaz vinha passando num Cadillac novo pela avenida Atlântica. Vinha despreocupado, assoviando um *blue*, os olhos esquecidos no asfalto em retração. A noite era longa, alta e esférica, cheia de uma paz talvez macabra, mas o rapaz nada sentia. Ganhara o bastante na roleta para resolver a despesa do cassino, o que lhe dava essa sensação de comando do homem que paga: porque tratava-se de um “duro”, e o automóvel era o carro paterno, obtido depois de uma promessa de fazer força nos estudos. O *show* estivera agradável e ele flertara com quase todas as mulheres da sua mesa. A lua imobilizava-se no céu, imparticipante, clareando a cabeleira das ondas que rugiam, mas como que em silêncio.

De súbito, em frente ao Lido, uma mulher sentada num banco. Uma mulher de branco, o rosto envolto num véu branco, e tão elegante e bonita, meu Deus, que parecia também, em sua claridade, um luar dormente. O freio de pé agiu quase automaticamente e a borracha deslizou, levando o carro maneiroso até o meio-fio, onde estacou num rincho ousado. Depois ele deu ré, até junto da dama branca.

— Sozinha a essas horas?

Ela não respondeu. Limitou-se a olhar serenamente o rapaz do Cadillac, com seu olhar extraordinariamente fluido, enquanto o vento sul agitava-lhe docemente os cabelos cor de cinza.

— Sabe que é muito perigoso ficar aqui até estas horas, uma mulher tão bonita?

A voz veio de longe, uma voz branca, branca como a mulher, e ao mesmo tempo crestada por um ligeiro sotaque nórdico:

— Perdi a condução... Não sei... é tão difícil arranjar condução...

O rapaz examinou-a já com olhos de cobiça. Que criatura fascinante! Tão branca... Devia ser uma coisa branca, um mar de leite, um amor pálido. Suas pernas tinham uma alvura de marfim e suas mãos pareciam porcelanas brancas.

Veio-lhe uma sensação estranha, um arrepio percorreu-lhe todo o corpo e ele se sentiu entregar a um sono triste, onde a volúpia cantava baixinho. Teve um gesto para ela:

— Vem... Eu levo você...

Ela foi. Abriu a porta do carro e sentou-se a seu lado. Fosse porque a madrugada avançasse, a noite se fizera mais fria e, ao te-la aconchegada – talvez emoção – o rapaz tiritou. Seus braços eram frios como o mármore e sua boca gelada como o éter. Vinha dela um suave perfume de flores que o levou para longe. Ela se deixou, passiva, em seus braços, entregue a um mundo de beijos mansos.

Quando a madrugada rompeu, ele acordou do seu letargo amoroso. A moça branca parecia mais branca ainda, e agora olhava o mar, de onde vinha um vento branco. Ele disse:

— Amor, vou levar você agora.
Ela deu-lhe seus olhos quase inexistentes, de tão claros:
— Em Botafogo, por favor.
Tocou o carro. A aventura dera-lhe um delírio de velocidade.
Entrou pelo túnel como um louco e fez, a pedido dela, a curva da General Polidoro num ângulo quase absurdo.
— É aqui – disse ela em voz baixa.
Ele parou. Olhou para ela espantado:
— Por que aqui?
— Eu moro aqui. Venha me ver quando quiser. Muito obrigada por tudo.
E dando-lhe um último longo beijo, frio como o éter, abriu a porta do carro, passou através do portão fechado do cemitério e desapareceu.

1. Como forma de aprofundar e revisar os elementos narrativos, analise essa letra abaixo da música “Domingo no Parque”

O rei da brincadeira - ê, José
O rei da confusão - ê, João
Um trabalhava na feira - ê, José
Outro na construção - ê, João

A semana passada, no fim da semana
João resolveu não brigar
No domingo de tarde saiu apressado
E não foi pra Ribeira jogar
Capoeira
Não foi pra lá pra Ribeira
Foi namorar

O José como sempre no fim da semana
Guardou a barraca e sumiu
Foi fazer no domingo um passeio no parque
Lá perto da Boca do Rio
Foi no parque que ele avistou
Juliana
Foi que ele viu

Juliana na roda com João
Uma rosa e um sorvete na mão
Juliana, seu sonho, uma ilusão
Juliana e o amigo João
O espinho da rosa feriu Zé
E o sorvete gelou seu coração

O sorvete e a rosa - ô, José
A rosa e o sorvete - ô, José
Oi, dançando no peito - ô, José
Do José brincalhão - ô, José

O sorvete e a rosa - ô, José
A rosa e o sorvete - ô, José
Oi, girando na mente - ô, José
Do José brincalhão - ô, José

Juliana girando - oi, girando
Oi, na roda gigante - oi, girando
Oi, na roda gigante - oi, girando
O amigo João - João

O sorvete é morango - é vermelho
Oi, girando, e a rosa - é vermelha
Oi, girando, girando - é vermelha
Oi, girando, girando - olha a faca!

Olha o sangue na mão - ê, José
Juliana no chão - ê, José
Outro corpo caído - ê, José
Seu amigo, João - ê, José

Amanhã não tem feira - ê, José
Não tem mais construção - ê, João
Não tem mais brincadeira - ê, José
Não tem mais confusão - ê, João

2. Carlos estava homem. Sem que se amedrontasse, assuntou a noite envelhecer. Só reparou no vagar dela. Muito sereno, porém apressado.

Aos poucos se apagaram as ¹bulhas da casa, vinte e três horas. Se irritou com a impaciência chegando, que o fazia ²banzar pelo quarto assim, e lhe dava sensação do prisioneiro que espera o minuto pra fugir. Puxa! Coração aos ³priscos. A calma era exterior. Não. O coração também se fatigou e sentou. Carlos também sentou. Cruzou os braços pra não mexer tanto assim, disposto a esperar com paciência. Tomou o cuidado de pôr o braço esquerdo sobre o outro, que assim o relógio ficava à mostra na munheca.

E os minutos se acabando, ⁴tardonhos. Aliás nem tinha pressa mais, o aproximar da aventura lhe apaziguava as ardências. Resfriado. Qualquer coisa lhe tirava o calor dos dedos... Se lembrou de vestir pijama limpo, fez. Depois pensou. Não tinha propósito trocar de pijama só porque. (...) Vestiu outra vez o pijama usado e se reconciliou consigo, já confiante.

E outra vez se sentou. Olhava a imobilidade dos ponteiros que lhe abririam a porta de ⁵Fräulein. Que o entregariam a Fräulein. Uma comoção doce, quase filial esquentou Carlos novamente. E porque amava sem temor nem pensamento, sem gozo, apenas por instinto e por amor, por gozo, iria se entregar. Está certo. Carlos amava com paixão.

A imobilidade é a sala de espera do sono. Procurou ler e cochilou. Vinte e três e trinta, se ergueu. Caceteação esperar! Também o momento estava estourando por aí, graças a Deus! Sentou na cama. Mais vinte e sete minutos. Vinte e seis... Vinte e cinco... Vinte e.... Nos braços cruzados sobre a guarda da cama, a cabeça dele pousou.

A posição incômoda acordou Carlos. Espreguiçou, empurrando com as mãos a dor do corpo, sentado por quê? Ah! Lembrança viva enxota qualquer sono. Hora e meia! Desejo furioso subiu. Sem reflexão, sem vergonha da fraqueza, corre pra porta de Fräulein. Fechada! Bate. Bate forte, com risco de acordar os outros, bate até a porta se abrir, entra.

Aqui devem se trocar naturalmente umas primeiras frases de explicação - se ele der espaço para tanto entre os dois! - porém obedeço a várias razões que obrigam-me a não contar a cena do quarto.

¹ sons

² meditar

³ saltos

⁴ lentos

⁵ em alemão, forma de tratamento para "senhorita"

(ANDRADE, Mário de. *Amar*, verbo intransitivo. *Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 2002.*)

O foco narrativo é um dos elementos que organizam o texto, definindo o ponto de vista de quem conta a história e delimitando a situação narrada por meio de diversas estratégias. No fragmento apresentado, o narrador não faz uso da seguinte estratégia:

- a) dirigir-se diretamente ao leitor, comentando os fatos narrados
- b) expor as próprias ideias, deixando suas percepções na narrativa
- c) empregar a terceira pessoa, criticando as ações do personagem principal
- d) mostrar conhecimento das emoções dos personagens, revelando-lhes os pensamentos

3. Joaquim Maria Machado de Assis, cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, romancista, crítico e ensaísta, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. Filho de um operário mestiço de negro e português, Francisco José de Assis, e de D. Maria Leopoldina Machado de Assis, aquele que viria a tornar-se o maior escritor do país e um mestre da língua, perde a mãe muito cedo e é criado pela madrasta, Maria Inês, também mulata, que se dedica ao menino e o matricula na escola pública, única que frequentou o autodidata Machado de Assis.

Disponível em: <http://www.passeiweb.com>. Acesso em: 1 maio 2009.

Considerando os seus conhecimentos sobre os gêneros textuais, o texto citado constitui-se de:

- a) fatos ficcionais, relacionados com outros de caráter realista, relativos à vida de um renomado escritor.
- b) representações generalizadas acerca da vida de membros da sociedade por seus trabalhos e vida cotidiana.
- c) explicações da vida de um renomado escritor, com estrutura argumentativa, destacando como tema seus principais feitos.
- d) questões controversas e fatos diversos da vida de personalidade histórica, ressaltando sua intimidade familiar em detrimento de seus feitos públicos.
- e) apresentação da vida de uma personalidade, organizada sobretudo pela ordem tipológica da narração, com um estilo marcado por linguagem objetiva.

4. (UERJ)

Múltiplo sorriso

Pendurou a ultima bola na arvore de Natal e deu alguns passos atrás. Estava bonita. Era um pinheiro artificial, mas parecia de verdade. Só bolas vermelhas. Nunca deixava de armar sua árvore, embora as amigas dissessem que era bobagem fazer isso quando se mora sozinha. Olhou com mais vagar. Na luz do fim da tarde, notou que sua imagem se espelhava nas bolas. Em todas elas, lá estava seu rosto, um pouco distorcido, é verdade – mas sorrindo. “Estão vendo?”, diria às amigas, se estivessem por perto. “Eu não estou sô.”

HELOÍSA SEIXAS

Contos mais que mínimos. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

Ao dizer que o pinheiro era artificial, "mas parecia de verdade", a narrativa realça um estado que define a personagem. Isto ajuda o leitor a compreender o fingimento da personagem em relação à:

- a) existência de suas amigas
- b) consciência de sua beleza
- c) presença de várias pessoas
- d) exposição de alguma intimidade

Gabarito

1. Enredo

- Acontecimento: “Foi no parque que ele avistou / Juliana / Foi que ele viu”
- Clímax: “olha a faca! / Olha o sangue na mão - ê, José”
- Ordenação: Linear
- Verossimilhança: Externa

Narrador

3ª pessoa, onisciente (o aluno deve perceber a sondagem psicológica e sentimental do protagonista, realizada a partir do segmento “O espinho da rosa feriu Zé / E o sorvete gelou seu coração”)

Personagens

- Protagonista: José (note-se que o foco do narrador recai sobre seu drama)
- Antagonista: João
- Personagem secundário: Juliana
- A narrativa não é maniqueísta: José e João não representam o Bem e o Mal.
- José é um herói moderno, esférico.

Tempo

- Vale apontar que o ritmo da narrativa entre os versos “O sorvete e a rosa - ô, José e Oi, girando, girando - é vermelha” é lento, já que se trata de uma descrição psicológica, embora o ritmo poético (sonoro, de leitura) seja ágil.
- O tempo é cronológico, com referentes objetivos, principalmente no início do texto.

Espaço

A função dele é predominantemente contextualizadora.

Observações extras:

- Aponte a ironia contida pela oposição do título ao enredo.
- Aproveite a última estrofe para definir o que é DIGRESSÃO, numa narrativa: momentos em que o narrador se desvia da história para refletir sobre ela e/ ou para conversar com o leitor, ou seja, um momento em que o tempo da ação para, mas o do discurso, não
- Marque a presença do elemento “vermelho”, como símbolo do crime passionai que vai se realizar.

- Discorra sobre a elipse temporal: não se narra como foi o crime. Da confusão psicológica de José, passa-se ao retrato dos corpos no chão. Isso é coerente com a proposta do narrador de mostrar um crime praticado num momento de alta emoção.
- Mostre que a rosa e o sorvete são metáforas para a ligação amorosa entre João e Juliana.
- Evidencie que, em nenhum momento, o narrador deixa claro se Juliana sabia do amor de José por ela.

2. C
3. E
4. C